

REVISTA PORTO

Programa de Pós-Graduação em História da UFRN

Volume 2 | Número 3 | 2013.1

A Edição francesa na tormenta da Segunda Guerra Mundial

French publishing during the torment of World War II

Jean-Yves Mollier

*Professeur des universités - Université de Saint-Quentin en Yvelines
(Versailles).*

Doctorat d'Etat en Histoire - Université Paris I, 1986.

Revista Porto 3 (2): 85-100 [2013]

Recebido em 23/12/2012 – Aprovado 25/04/2013

Resumo: Baseado no cotejo sistemático de fontes novas, as da Livraria Hachette de um lado, e as do Sindicato Nacional da Edição de outro, este artigo retoma o tema do comportamento dos editores durante a Segunda Guerra Mundial. Se eles aceitaram facilmente a imposição das autoridades alemãs e o expurgo de seus catálogos foi por terem preparado eles próprios suas listas de veto. Isso facilitou a confecção das listas « Otto » e permitiu uma colaboração que se revelou exemplar em muitos casos. Houve, no entanto, editores da resistência, mas a maioria deles abandonou essa atividade durante a Liberação e, a partir de 1947, a paisagem editorial havia recuperado sua fisionomia de antes da Guerra. A incapacidade das novas autoridades em quebrar o poder das Distribuidoras Hachette, que os nazistas desejavam adquirir entre 1940 e 1944, traduz a capacidade de resistência de uma profissão acostumada há séculos a se submeter às ordens do poder, qualquer que fosse ele.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial. Colaboração com os nazistas. Resistência aos alemães. Edição.

Abstract: Based on the systematic comparison of new sources, from the Hachette Library on the one hand, and the French Publishers Association (SNE) on the other, this article takes up the theme of the behavior of editors during World War II. If they easily accepted the German authorities' orders and the purging of their catalogs, it was because they themselves had prepared the veto lists. This facilitated the preparation of the "Otto" lists and permitted a collaboration which proved to be a model in many cases. There were, nonetheless, editors for the resistance, but most of them abandoned this activity during Liberation and, after 1947, the publishing landscape had recovered its appearance from before the War. The new authorities' inability to break the power of the Hachette Distributors, which the Nazis wanted to acquire between 1940 and 1944, reflects the capacity for resistance of a profession accustomed for centuries to submitting to the orders of power, wherever it may lie.

Keywords: World War II. Nazi collaboration. Resistance to the Germans. Publishing.

Antes de examinar a situação da edição francesa entre junho de 1940 e agosto de 1944, convém lembrar que dificilmente podemos compreender o estado em que se encontrava esta esfera da vida cultural da nação francesa às vésperas da Ocupação alemã, sem conhecer as grandes linhas de sua evolução.¹ Da mesma maneira, para se compreender o sentido profundo da atitude dos principais editores que integram, então, as instâncias superiores de seu sindicato, é preciso conservar na memória este “*habitus* plurissecular de submissão” às

¹ Tradução de Katia Aily Franco de Camargo (PPGEL-UFRN).

vontades do poder central que analisamos em outras obras². Sem dar a esse gesto uma importância maior do que teve na época, poderíamos ver na “delegação voluntária dos notáveis da indústria parisiense”, conduzida por Emile Menier, Jean-François Cail e o impressor Henri Plon, que vieram ao Eliseu, em 19 de dezembro de 1851, oferecer ao autor do golpe de Estado realizado 17 dias antes, “seus agradecimentos por ter garantido a defesa da ordem, da família e da propriedade”³, símbolo dessa atitude covarde que encontraremos novamente, quase inalterada, no verão de 1940. Napoleão I e seus sucessores utilizaram uma polícia da *Librairie*⁴, com seus inspetores e comissários encarregados de controlarem os portos e fronteiras, mas também as casas de impressão, livrarias, o mercado ambulante e mesmo os alfarrabistas e outros livreiros sedentários ou nômades. Autorização que impunha ao feliz eleito uma dupla promessa: fidelidade ao soberano e obediência à constituição; promessa esta realizada em tribunal foi abolida apenas em 10 de setembro de 1870⁵. Os inspetores foram afastados em 1877, mas foi a grande lei liberal de 29 de julho de 1881 que colocou um ponto final no regime precedente. A casa de impressão, a livraria, a imprensa, a publicidade e o mercado ambulante ficaram, a partir de então, livres de toda obrigação opressora.⁶

Houve muitas tentativas de se voltar atrás e, Luis Desprès, Lucien Descaves e Georges Darien souberam de algo⁷ a respeito, e os anarquistas puderam fazer sua própria prosa – apesar das leis criminosas de 1893-1894 – e os comunistas, mais tarde, puderam fazer agitação e propaganda políticas, apesar do processo empreendido contra *L’Humanité* em 1929⁸. Do lado dos editores, havia alguns rebeldes, Laurent Pagnerre, Pierre Larousse, Maurice Lachâtre ou Poulet-Malassis, editor de Baudelaire, mas, sob a Comuna, assim como durante a Primeira Guerra Mundial, a profissão não brilhou por sua vontade de dar a palavra a todos aqueles que exprimiam opiniões heterodoxas. Paradoxalmente, as novas liberdades das quais usufruíam os escritores e os políticos não modificaram, a fundo, a paisagem editorial

² MOLLIER, Jean-Yves. Les mutations de l’espace editorial français du XVIII^e au XX^e siècle. *Actes de la recherché en sciences sociales*. n. 126-127, mar. 1999 e MOLLIER, Jean-Yves. *Édition, presse et pouvoir en France au XX^e siècle*. Paris: Fayard, 2008.

³ Apud MOLLIER, Jean-Yves. *L’Argent et les lettres: histoire du capitalisme d’édition*. Paris: Fayard, 1988, p. 111. Tradução em língua portuguesa: *O dinheiro e as letras*. São Paulo: Edusp, 2011.

⁴ *Librairie*, sem equivalente em língua portuguesa, e daqui por diante traduzida como Livraria, compreende o trabalho de edição, impressão e venda das obras de uma determinada Casa de Edição. [N.T.]

⁵ SOREL, Patrícia; LEBLANC, Frédérique (Org.). *Histoire de la librairie française*. Paris: Cercle de la Librairie, 2008.

⁶ Ibid.

⁷ LECLERC, Yvan Leclerc. *Crimes écrits: la littérature en process au 19^e siècle*. Paris: Plon, 1991.

⁸ DELPORTE, Christian et al. (Org.). *L’Humanité de Jaurès à nos jours*. Paris: Nouveau Monde Ed, 2004.

fortemente estruturada após 1860 e pouco inclinada a se desenvolver novas empresas capazes de rivalizar com as grandes casas editoriais já bem estabelecidas, Hachette, Calmann-Lévy, Plon, Flammarion e Fayard antes de 1914, Grasset, Gallimard e Denoël tendo se juntado a eles após 1918. De certa maneira, o desaparecimento do pequeno “Balcão de edição da *Nouvelle Revue Française*” em 1911 em prol da “Livraria Gallimard” em 1919 traduzia a dificuldade das estruturas independentes em divulgar os autores que pretendiam romper com os hábitos e costumes de sua época.

Os arquivos do Sindicato dos editores apareceram em 1891, e foram abertos ao público ao mesmo tempo que aqueles, gigantescos, do grupo Hachette e do conjunto de suas filiais⁹. Era, portanto, tentador voltar a esse episódio pouco reluzente dos anos negros, aproveitando, igualmente, da modificação das regras de consulta dos arquivos da Segunda Guerra Mundial, a partir de então livres da obrigação de solicitar derrogações que, teoricamente, proibiam um uso público dos documentos conservados. Veremos que debates animados acontecem durante a Liberação, nas comissões de exclusão, e que uma parte da verdade que diz respeito a esse setor determinante da opinião foi atualizada mas, como em outros domínios, o aparecimento precoce da guerra fria e as divisões no campo da Resistência salvaram os chefes das principais empresas de edição cujos dossiês foram rapidamente encerrados. Os novatos, Edmond Charlot, Pierre Seghers ou Max Pol Fouchet exerceram certa influência pouco após 1947 e, se as edições Minuit ou Seuil continuaram suas atividades, eles se tornarão atores maiores principalmente após 1958. É, portanto, a partir de arquivos ultrasensíveis que propomos esse retorno à uma época que o livro de Pascal Fouché, *L'édition française sous l'Occupation*¹⁰, havia começado a elucidar, sem, no entanto, beneficiar da leitura das fontes pertencentes às empresas concernentes, as quais modificam consideravelmente a percepção que podemos ter da atitude dos editores franceses sob a Ocupação.

A edição francesa às vésperas da Segunda Guerra Mundial

⁹ Classificados “Monumento histórico” em 2002 em agradecimento a Jean-Luc Lagardère, que confiou sua administração ao Instituto Memória da edição contemporânea (IMEC). Os arquivos podem ser consultados sob autorização.

¹⁰ FOUCHE, P. *L'édition française sous l'Occupation*. Paris : Bibliothèque de littérature contemporaine de l'université Paris 7, 1987. 2v.

O crescimento da Livraria Hachette, que se tornou a maior empresa de distribuição de impressos por volta de 1900, continuara após a Primeira Guerra Mundial. Transformada em sociedade anônima em 1919, associa-se ao Banco de Paris e dos Países Baixos em 1920, e aceita introduzir seu capital – 40 milhões de euros atuais – na Bolsa, em 1922. Pouco tempo depois, ela somava a suas Empresas de distribuição da Imprensa da Rua Réamur às Empresas de distribuição do Livro instaladas no cais Grenelle, e propunha aos principais editores franceses de liberá-los da administração de seus estoques efetuando, no lugar deles, o conjunto das tarefas de distribuição e de encaminhamento das encomendas aos livreiros franceses e estrangeiros. Mais de setenta entre eles aceitaram, inclusive Gallimard, em 1931, que via aí um meio de garantir o financiamento de suas atividades.¹¹ A Livraria Hachette havia respondido aos desafios do tempo com esta reestruturação. Ao término da Grande Guerra, na verdade, a Livraria Larousse, Armand Colin e muitas outras empresas haviam constituído seu próprio meio de distribuição, a Casa do Livro Francês (MLF). Após uma década de brigas, o Sindicato dos livreiros torcia por um acordo que interviesse entre as duas empresas de distribuição. Aquela que a imprensa de esquerda chamava de “polvo verde” assinava, pois, em julho de 1933, um *gentleman agreement* com a Livraria Larousse. A esta última entregava-se o ramo dos dicionários e das enciclopédias assim como a distribuição, pela MLF, dos livros didáticos, enquanto o conjunto da literatura geral continuava especialidade da Livraria Hachette. O Sindicato dos Editores se felicitava por esta decisão e o dos livreiros aprovava esta divisão do mercado, o que explica o fato que, durante o verão de 1940, a Livraria Hachette tenha sido a vítima principal dos novos mestres da Europa.¹²

Para fazer funcionar seus serviços de Distribuição, que cobriam 80 mil pontos de venda, dos quais 21 eram tidos como “pequenas livrarias”, milhões de assalariados (6 mil em Javel, 5 mil em Réamur) organizados militarmente em brigadas, os dirigentes solicitaram a ajuda de homens autoritários, tais como: Georges Lamirand, o enérgico ex-aluno da Escola Central de Artes e Manufaturas destinado a um belo futuro ou Jean Filliol, cofundador da Cagoule. Na Larousse, uma vez o concorrente neutralizado¹³, a direção teve que se separar de Lucien Moreau, comanditário da Ação Francesa, pois se corria o risco de a clientela não apreciar esses acordos. O paternalismo reinante, no entanto, não deixa nada a desejar àquele

¹¹ Ver capítulo 01 da obra MOLLIER, Jean-Yves. *Édition, presse et pouvoir en France au XX^e siècle*. Paris: Fayard, 2008.

¹² Ibid.

¹³ Ibid., p. 52-54.

praticado pela direção da Livraria Hachette; e se perseguia o vermelho com a mesma atenção, persuadido que os bons sindicatos são os únicos *syndicats maison*¹⁴. Na Grasset ou na Gallimard, emprega-se uma mão de obra mais reduzida, assim como na Calmann-Lévy, Plon, Tallandier, Fayard, Ferenczi e Rouff. Notemos, no entanto, que Arthème Fayard, morto em 1936, lançou *Candide* e *Je suis partout* e que sua viúva faz campanha para que Maurras entre para a Academia Francesa – o que acontecerá em 1938 – enquanto na Plon, Robert Mainguet, diretor presidente, é um conservador muito ligado à defesa do catolicismo tradicional e dos valores que fizeram a França de outrora.

É este exagero de representação dos ideais da direita francesa, que pregam a ordem e negam a divisão da autoridade, que deve ser lembrado se quisermos compreender as reações dos editores parisienses em junho de 1940. Sejam eles monarquistas como os presidentes das edições Calmann-Lévy, Fayard ou Larousse, ou simplesmente conservadores e bem à direita no campo político, como os Hachette, Plon, Tallandier ou Grasset, a maioria dos editores partilham uma visão do mundo muito parecida. Ligados à ordem, aceitaram com má vontade a lei das quarenta horas e a lei que instituíu o pagamento de férias. Os processos verbais do Sindicato dos Editores (SE) testemunham isso: os representantes deles a frente da CGPF, antiga MEDEF¹⁵, Robert Mainguet, Robert Talamon (Masson) e Hervé Delagrave, haviam sustentado a direção da confederação dos patrões num esforço para retomar o terreno cedido em 1936. No final da tarde, hora do “vinho do porto” – aperitivo das pessoas elegantes antes de 1940 –, esses homens que frequentavam os mesmos círculos, os mesmos restaurantes, e se sentavam muito próximos de André Tardieu, fortemente apoiado pela família Flammarion, de Pierre Laval ou de Paul Reynaud, demonstravam, em relação aos marechais Lyautey e Pétain, uma admiração sem limites, que iria levá-los a apoiar a ação de Pétain quando este alcançasse o poder em 16 de junho de 1940. Como dirá, emocionado, o presidente do SE em fevereiro de 1941:

Em meio a tantos infortúnios, uma alegria nos foi dada: a de ver a França personificada no chefe que a representa. O marechal Pétain reanimou as vontades enfraquecidas, fez nascer a esperança e provou que a honra da França permanecia intacta e de pé. Temos apenas que segui-lo para

¹⁴ DUBOT, Bruno. *La librairie Larousse de 1895 à 1952*. 2009. Tese de doutorado. *Syndicat maison* é aquele sindicato que, sob a fachada de sindicato que defende os interesses dos assalariados, está, na realidade, do lado dos patrões. [N.T.]

¹⁵ CGPF: Confederação Geral da Produção Francesa; MEDEF: Movimento das Empresas da França. [N.T.]

encontrar o bom caminho. E eu lhe dedico, em nome de todos, nossa admiração e a certeza de nossa submissão a seus chamados.¹⁶

Nesta data, e apesar da imposição do estatuto dos judeus em outubro de 1940, do início da arianização das empresas consideradas como judias, mesmo Fernand Nathan aceitava René Philippon. Nathan pedirá demissão de suas funções apenas dois meses mais tarde, após ter certeza que sua casa de edição seria protegida por compradores fictícios, levados pela Livraria Larousse. A associação dos editores, não podendo conservar em seu seio partidários do proibido PCF, fez com que Nathan homologasse, em abril de 1940, a exclusão, do Círculo da Livraria, de Léon Mounissac, administrador das Edições sociais internacionais, aprisionado no campo de Gurs, e de René Hilsum, chefe de fabricação judeu desta empresa. Por outro lado, no final de agosto de 1940, o mesmo Robert Talamon, diretor presidente das edições Masson, se congratulava que em virtude das regras impostas pelas autoridades militares alemãs, o novo sindicato que sucederia o antigo permitiria “desinfetar a profissão” banindo todos os indivíduos suspeitos que tinham aí se infiltrado nos anos 20 e 30.¹⁷

A confecção das listas “Otto” e o *habitus* de submissão da edição francesa

Se sabíamos que as primeiras listas de impressos proibidos tinham sido feitas em Berlim e Leipzig antes da entrada de Wehrmacht em Paris em 14 de junho de 1940¹⁸, ignorávamos que, do lado dos editores franceses, um trabalho de filtragem paralela dos fundos, de drenagem dos catálogos, havia sido realizado de maneira preventiva a partir dos meses de julho e agosto de 1940. Como dirá, com certa dignidade, a gerente da Livraria Payot a Henri Filipacchi e aos dirigentes das PUF que haviam efetuado, como ela, esta primeira triagem seletiva: uma coisa era não provocar a raiva do Ocupante, retirando das vitrines ou dos catálogos autores antinazistas ou judeus. Outra coisa era entregar sua própria lista às autoridades alemãs, o que fizeram com rapidez e zelo Henri Filipacchi para as edições

¹⁶ *Bibliographie de la France*, 28 fev./7 mar. 1941, p. 16. Todas as citações extraídas dos arquivos do SNE (Sindicato Nacional da Edição) que nos foram, pela primeira vez, abertas, foram reproduzidas na íntegra em: MOLLIER, Jean-Yves. *Édition, presse et pouvoir en France au XX^e siècle*. Paris: Fayard, 2008.

¹⁷ SNE, *Procès Verbaux* do comitê dos editores, 27 ago. 1940.

¹⁸ LOISEAUX, Gérard. *La littérature de la défaite et de la collaboration*. Paris: Fayard, 1995, p. 71-73.

Hachette, Rischhoffer para a Flammarion, Victor Bassot para a Tallandier, Lucien Tisserant para a Fayard, Kyriack Stameroff, cunhado de Pierre-Antoine Cousteau, para a Gallimard, Georges Poupet para a Plon e Bernard Grasset para seu próprio fundo. Este último, por sua vez, se antecipou e publicou na imprensa artigos nos quais expressava sua sintonia com os nazistas, antissemitas, antimaçônico e anticomunista.¹⁹ Seus colegas não foram tão longe, mas, uma vez que a direção do Círculo da Livraria, incluindo aí Fernand Nathan, encorajava os editores a confeccionar estas listas proibitivas e a entregá-las a Henri Filipacchi, que trabalharia, em seu escritório das Distribuidoras Hachette, em comum acordo com o censor alemão destinado a tal função, a grande maioria dos profissionais participou, inescrupulosamente, da destruição daquilo que era o coração dos livros e do pensamento: os catálogos que exibiam, com orgulho, seus autores e títulos de glória. Originário, portanto, de uma autêntica colaboração entre autoridades alemãs e dirigentes do Círculo da Livraria apoiados pelas casas editoriais já bem estabelecidas, as três listas Otto, a de 2 de outubro de 1940 e as seguintes, de julho de 1942 e maio de 1943, refletem a vontade comum de continuar a trabalhar apesar da Ocupação e suas exigências.²⁰

As hesitações de René Philippon, no momento de assinar a convenção de censura, traduziam o medo – o “pavor”, como escreverá o representante nazista a seus superiores²¹ – do presidente do Sindicato de assumir posteriormente a responsabilidade de repreender a edição francesa. No dia 6 de outubro, ele havia fixado, com seus parceiros do Círculo, a verdade oficial, isto é, a de que o Sindicato nacional dos editores (SNE), sucessor do SE em 1947²², manteria fechados seus registros e caixas por 50 anos. Foram os alemães que impuseram a depuração dos catálogos e os franceses cederam a ela para não privar seu povo de livros e o pessoal da edição de seu trabalho. No entanto, essa verdade não resiste ao exame e cruzamento das fontes que trazem à tona a responsabilidade e a identidade dos castradores do pensamento francês. Nessa época, Aragon, Duhamel, Malraux tinham uma parte de sua obra, ou toda ela, proibida, assim como Thomas Mann ou Stefan Zweig. Pior, as edições Tallandier,

¹⁹ MOLLIER, Jean-Yves, Op. cit., p. 63-67. Cf. na também p. 66 a reprodução do artigo que ele tentou publicar nestas circunstâncias e que lhe valeram, na Liberação, uma condenação pessoal.

²⁰ Ibid. Para uma leitura dos documentos que provam o tamanho desta colaboração intelectual cuja submissão às diretrizes do poder, quaisquer que sejam elas, é o maior motor.

²¹ Lê-se com interesse o relatório alemão no qual o interlocutor do presidente do SE escreve que este último tinha “os pés gelados” — *kalte füsse* em alemão, quer dizer “medo terrível” ou “pavor” — face às consequências em longo termo da assinatura da convenção de censura. Ver AN, AJ ⁴⁰/1005, *Tätigkeitsbericht für die Zeit von 25/09/1940 bis 02/10/1940*, assim como a tradução de FOUCHÉ, P., Op. cit., t. 1, p. 51, e a nossa, visivelmente mais crua que a precedente, MOLLIER, Jean-Yves, Op. cit., p. 85.

²² Ele mudou algumas vezes de nome e se tornou o Sindicato Nacional da Edição em 1971.

administradas por um colaborador que se pretenderá membro da resistência à Liberação e conseguirá espoliar os dirigentes do Grande Oriente ao qual pertencia, Victor Bassot, começava imediatamente a fabricar aquilo que poderia se chamar de jornal da debandada – *Le Crime des évacuations. Les horreurs que nous avons vues* [O Crime das evacuações. Os horrores que vimos] – uma série de reportagens escritas por Jean de La Hire, talentoso autor de romances para a juventude e admirador incondicional da armada alemã e de seus soldados, os quais descrevia, seminus, com o tronco de atletas iluminados pela luz do sol e distribuindo pão e leite às crianças que encontravam pelas ruas dos caminhos por onde a população civil passava fugindo dos alemães.²³

Não faltava a esta narrativa nenhuma das peças retidas no processo de Riom: a responsabilidade da III^a. República, dos oficiais e daqueles que a tinham pilhado era total e apenas um grande castigo somado a mudanças completas na conduta do país permitiriam à França de se levantar. Jean de la Hire não hesitou em tomar, alguns meses mais tarde, a direção das Edições Ferenczi arianizadas e até o mês de agosto de 1944 ele fez um grande trabalho para ajudar a potência ocupante a alcançar seus objetivos ideológicos. Como ele, a nova direção ariana da SPE (a Sociedade fundada pelos irmãos Offenstadt) chegaria, até mesmo, a imprimir um falso volume das Edições Minuit para instaurar a agitação entre os membros da resistência.²⁴ Quanto a Victor Bassot, os arquivos alemães provam a estreita implicação do personagem na tentativa nazista de inculcar seus valores no imaginário dos leitores. Introduzindo sistematicamente heróis alemães, austríacos, húngaros, finlandeses e romenos nos romances de aventuras do “Livro Nacional” destinados aos jovens, publicados pela Tallandier, esperava-se corrigir o estado do espírito francês e de levar os leitores, progressivamente, a uma outra visão da Europa em construção.²⁵

Colaboração e exclusão

²³ Interditada pelas autoridades de Vichy em zona não ocupada, o livro de La Hire é raramente citado pelos historiadores da Colaboração, no entanto, esta reportagem é um documento importante da complacência que um oficial francês, antigo combatente da Grande Guerra, podia ter em relação ao ocupante. Cf. MOLLIER, Jean-Yves, Op. cit., p. 70-74, para os comentários e citações extraídas deste livro.

²⁴ Ibid., p. 109 e SIMONIN, Anne. *Les éditions de Minuit: le devoir d'insoumission. 1942-1945*. Paris: IMEC. 1994, p. 192.

²⁵ Cf. MOLLIER, Jean-Yves, Op. cit., p. 91-92; 172-176; 178-180, para uma descrição de Victor Bassot, personagem interessante de se estudar devido à importância de seu papel no programa de inculcar, progressivamente, a ideologia nazista.

Na Liberação, o Comité Nacional dos escritores mostrou-se muito vigilante em relação aos homens de letras que haviam servido o Terceiro Reich por meio de seus escritos. No entanto, o CNE interessava-se apenas pelos intelectuais de renome e, como seus membros, Louis Aragon ou Jean-Paul Sartre, nunca haviam lido os pequenos fascículos do *Livre national* das Edições Tallandier nos quais apareciam as aventuras dos heróis da raça ariana, o precursor deste programa de esfacelamento da consciência nacional escapou à desconfiança e às perseguições que outros sofreram. Os aproveitadores da arianização das casas judias, Calmann-Lévy, Ferenczi, Gedalge e Offenstadt, foram julgados, antes que fugissem. No entanto, Jean de La Hire havia deixado a França com a mesma cumplicidade favorável das redes católicas que escondiam, sob uma falsa identidade, no grande estabelecimento dos Maristas de Marselha, Henry James, patrão das Edições Balzac (ex-Calmann-Lévy), antes de ajudá-lo a fugir para a Suíça, onde faleceu tão pró Pétain e Maurras quanto na época em que dirigia a casa Calmann-Lévy²⁶. Outros, como Bernard Grasset, tiveram que responder por meio de seus escritos. Robert Denoël, no entanto, foi oportunamente assassinado às vésperas da abertura de seu processo, em dezembro de 1945.²⁷

Alguns tiveram mais chance: Gaston Gallimard, protegido por Jean Paulhan, cofundador das *Lettres françaises*; Drieu La Rochelle, diretor da *NRF* nazificada; os presidentes da casa Plon, salvos pelo testemunho de um editor, Charles Orenge, que haviam financiado (em abril de 1944) e que, em troca, pediu para ter apagado seu passado de censor a serviço do governo de Vichy.²⁸ Em 1944, Orenge associa-se com Jean Mistler para lançar as Edições Rocher – de Mônaco – ele consegue mistificar a Paris das Letras e a reabilitar o antigo parlamento que, de 8 a 10 de julho de 1940, se debateu para conseguir obter o voto que dava plenos poderes ao marechal Pétain. Até o final do mês de agosto de 1944, seu hebdomadário publicado em Lyon, *Présent*, estigmatizou os bombardeios aliados fazendo

²⁶ Nós tínhamos ressaltado o percurso de Henry James a Pascal Fouché porque ele nos fora descrito em 1986 por um dos alunos do colégio dos Padres Maristas de Marselha, aluno este que se tornou editor da imprensa católica. O segredo estava mal guardado em 1945-1946 e os superiores do colégio sabiam quem era o inspetor, sob nome falso, a quem eles haviam confiado o futuro dos jovens que estavam sob autoridade deles. Cf. FOUCHÉ, Pascal, Op. cit., t.2, p. 253.

²⁷ Uma bibliotecária americana publicou, recentemente, uma espécie de “romance verdadeiro” deste assassinato, sua leitura nos deixa perplexo, assim como a leitura do dossiê conservado nos arquivos da Prefeitura de Polícia de Paris. Cf. STAMAN, A. Louise. *Assassinat d'un éditeur à la Libération. Robert Denoël (1902-1945)*. Paris: e-dite, 2005, e APP, H 55 63: dossier Robert Denoël. A escritora Jean Voilier, Jeanne Loviton no civil, amante de Robert Denoël a quem ele havia cedido suas cotas e que as revendeu, em seguida, a Gaston Gallimard, foi alvo de grande suspeita de ter participado deste enigmático desaparecimento, mas isso nunca foi provado. Cf. BERTIN, Célia. *Portrait d'une femme Romanesque Jean Voilier*. Paris: Ed. de Fallois, 2008, para um retrato favorável da antiga amante de Paul Valéry e da mulher de um antigo presidente do Conselho da IV República.

²⁸ MOLLIER, Jean-Yves, Op. cit., p. 116-124 e 127-128.

vítimas inocentes, o que não o impedia – ou talvez tenha lhe permitido – de ser recrutado, primeiro pela Casa do Livro Francês, em 1947, em seguida pela Livraria Hachette que o transformou em seu diretor geral em 1958, e, por fim, tornou-se secretário perpétuo da Academia Francesa.²⁹ Apenas as associações dos antigos combatentes lhe infligiram, *post-mortem*, uma grande desonra, quando impediram, em 1991, a cidade de Castelnaudary, onde ele havia sido prefeito aliado a Pétain, de dar seu nome a nova mediateca. Sua única filha, Marie-Dominique Lancelot, jornalista na imprensa de extrema direita, retirou, então, sua promessa de depositar os arquivos de seu pai com o intuito de vingar a afronta feita a ele por aqueles que ainda conservavam um pouco da memória da realidade dos tempos obscuros.³⁰

A Livraria Hachette temia, com razão, que os membros da resistência aplicassem ao pé da letra o programa do Centro Nacional da Resistência (CNR) e nacionalizassem este excepcional instrumento que os nazistas admiravam e que pretendiam transformar na base de uma enorme empresa europeia sob o controle deles. Retardando a assinatura dos acordos que lhe propunham, os administradores da Livraria Hachette ganhavam tempo. Somados à obrigação de ceder, eles fizeram de tudo para manter sua posição no mais alto nível durante a reconfiguração do capital. Na Liberação, para terem certeza de que ninguém tentaria aniquilá-los, fizeram reescrever uma parte de seus arquivos, acrescentando neles, por exemplo, que, no momento de uma entrevista, Laval mostrara-se glacial quando se tratava, no entanto, de uma relação amigável, ou outras ressalvas que o historiador tem grande dificuldade em perceber quando consulta, hoje, estes documentos suprimidos em 1945.³¹ Em 1947, a ajuda dos bancos não nacionalizados permitiu à empresa de acumular as Empresas de Distribuição do Estado que estavam falindo e um acordo de último minuto, imposto pelo governo, confiou à Livraria

²⁹ Ibid., p. 124-128.

³⁰ PEYTAVI, Axel. *Castelnaudary et Jean Mistler. “Le moment supprimé”*. 2004. Dissertação (Mestrado). Universidade Toulouse Le Mirail, 2004. Vale salientar que os documentos apresentados em anexo nessa dissertação, que reproduziam a condenação de Jean Mistler como gerente do jornal *Présent*, foram arrancadas do exemplar conservado na Biblioteca Universitária deste estabelecimento. A investigação que solicitamos a Patrick Cabanel não permitiu conhecer a identidade daquele/daquela que tentou apagar os traços do passado.

³¹ Os arquivos Hachette, como, com certeza, bom número daqueles de empresas francesas, foram objeto de revisão sistemática em função de três princípios transformados em dogmas pela direção: “Modificar”, “Guardar” ou “Suprimir”. Cf. IMEC, arquivos Hachette, S 5 C 176 B 5, Processo Verbal (PV) de CA 1940-1945. Obtivemos, antes da redação de *Édition, presse et pouvoir en France au XX^e siècle*, acesso à totalidade desses arquivos que conservaram apenas um traço flagrante dessa vontade de reescrever sua história a partir da Liberação de Paris. Lemos no PV de CA de 18 de jan de 1943 a seguinte frase a respeito de uma entrevista com Laval: “Acrescentar: ‘Sr. Laval, que manteve durante toda a entrevista uma atitude hostil, despede-se do Sr. Fouret’”. É claro que este vestígio deveria ter desaparecido antes que os arquivos da empresa fossem depositados no IMEC mas, como diz Carlo Ginzburg, para a felicidade do historiador, os vestígios continuam a existir, mesmo aqueles que se pretendeu apagar, e uma pesquisa minuciosa pode trazê-los à tona. Cf. GINZBURG, Carlo. *Mythes, traces, emblèmes*. Lagrasse: Verdier, 2010.

Hachette a direção das NMPP³² que lhes serviria de banco particular por mais de vinte anos. Quando lemos o nome dos políticos da IV^a e da V^a República que esta enorme empresa de distribuição devia subvencionar – de François Mitterrand a René Tomasini³³ –, compreendemos melhor a observação cínica do novo diretor-presidente da Livraria Hachette, Robert Meunier du Houssoy, mostrando a seus convidados, do alto de seu terraço particular situado no número 288 do bulevar Saint Germain, o Palais Bourbon: “Isso, é meu zoológico...”³⁴. Ainda que tenha muito de charlatanismo nesta afirmação, o homem que havia comprado, em 1947, o *France-Soir* aos membros da resistência do movimento Defesa da França, sem que eles soubessem de onde vinha o dinheiro³⁵, ou que lançara, em 1934, o *Journal Mickey*, colocando a sua frente Paul Winkler³⁶, conhecia perfeitamente a extensão de seu poder e ele tinha demonstrado isso fazendo imprimir na primeira página do *France-Soir*, de 19 de maio de 1958, em letras garrafais, e em oito colunas do jornal, a seguinte frase: “DE GAULLE: ‘EU POSSO SER ÚTIL A FRENTE DO GOVERNO DA REPÚBLICA’”.³⁷ A Livraria Hachette que tinha sido marechalista em 1940 e, em seguida, petanista, sabia que não deveria cometer o mesmo erro no momento da queda da IV^a República e acompanhará o conjunto dos presidentes e chefes de governo da V^a República até a morte de Georges Pompidou, em abril de 1969.

Os editores da resistência

Interromper aqui o quadro da edição francesa na agitação da Segunda Guerra Mundial seria tão injusto quanto incompleto. Nem todos os profissionais se dobraram às vontades dos alemães. Os irmãos Emile Paul preferem interromper suas publicações. Sabemos que Mercors e Pierre de Lescure criaram as Edições Minuit para manifestar publicamente a existência de uma resistência intelectual. Como demonstrou Anne Simonin, é após ter visto Jacques Decour

³² NMPP: Novas Empresas de Distribuição da Imprensa Parisiense [N.T]

³³ Em abril de 1967, François Mitterrand recebia uma mensalidade no valor de 4.300 euros e René Tomasini uma de 835 euros para ser gasta com “estudos publicitários” que eram, por outro lado, declarados ao fisco! Cf. MOLLIER, Jean-Yves, op. cit., p. 286 e, para a fonte desse sistema de corrupção dos parlamentares, IMEC, arquivos Hachette, S 5 C 190 B4, dossiê “Contatos políticos: Réaumur NMPP”.

³⁴ Ibid., p. 287.

³⁵ Ibid., p. 208-211, e WIEWORKA, Olivier. *Une certaine idée de la France, Défense de la France (1940-1949)*. Paris: Seuil, 1995, obra fundamental para a história deste movimento.

³⁶ A carta que reproduzimos é irrefutável sobre essa questão. Cf. MOLLIER, Jean-Yves. Op. cit., p. 38.

³⁷ Ibid., p. 209-211 para a compra de *France-Soir* e p. 283-290 para a chegada da V^a República.

e Gabriel Politzer fazerem renascer *La Pensée libre* e publicar livros antinazistas e comunistas, que decidiram abrir uma casa de edição puramente literária com o intuito de expandir ao máximo sua capacidade de influenciar a opinião pública. O resultado foi excepcional: 43 títulos publicados na noite da Ocupação.³⁸ Na zona sul, a Biblioteca francesa e numerosas revistas ilustraram os esforços de Louis Aragon, Max Pol Fouchet, Pierre Seghers, Jean Blanzat ou René Tavernier para dar a ler outra coisa que não as obras dos colaboradores. *Fontaine*, *Les Lettres françaises*, *Les Cahiers du Témoignage Chrétien* para citar apenas obras destes autores, contribuíram para manter vivo na França, se não intacto, o desejo de pensar por si mesmo, o que contribuiria com a regeneração da edição após a guerra.

Se for verdade que as Edições Seuil, graças à revista *Esprit* e, em seguida, em 1951, a *Don Camillo*, faria irrupção na corte dos grandes³⁹, assim como as Edições Minuit, graças ao Novo Romance e a Jérôme Lindon, que havia substituído Vercors em 1947⁴⁰, Edmond Charlot abandonou a partida em 1950⁴¹ enquanto Pierre Seghers se saía bem no setor de distribuição e que Max Pol Fouchet se contentava da direção de coleções literárias.⁴² René Julliard atrelaria seu nome ao lançamento de Françoise Sagan e de Minou Drouet e, apoiando o sultão do Marrocos e o líder tunisiano Habib Bourguiba em 1956, tentaria fazer com que esquecessem que, em 1944, ele havia se precipitado para publicar Eluard, na tentativa de mascarar o fato de que havia entrado no mundo da edição em 1942 com o intuito de dar a conhecer e apreciar os discursos do marechal Pétain.⁴³ Robert Laffont apostará, após a guerra, na tradução de best-sellers americanos, mas ele tinha menos coisas para se fazer perdoar, já que Pierre Guilain de Bénouville e Louis Parrot garantiram sua boa conduta na Liberação.⁴⁴ Gaston Gallimard havia se preparado para sua exclusão temporária do Círculo da Livraria, o qual admitira três dos seus (irmãos, filhos e netos), em fevereiro de 1944⁴⁵, mas ele não teve sequer que falar sobre sua prudência ou sobre seus jantares comprometedores com o capitão

³⁸ SIMONIN, Anne, Op. cit.

³⁹ LACOUTURE, Jean. *Paul Flamand, éditeur: la grande aventure des éditions du Seuil*. Paris: Ed. Arènes, 2010. SERRY, Hervé. *Les Éditions du Seuil: 70 ans d'histoire*. Paris: Seuil-IMEC, 2008.

⁴⁰ SIMONIN, Anne, Op. cit.

⁴¹ PUCHE, Michel. *Édmond Charlot éditeur*. Pézenas: Domens, 1995.

⁴² VIGNALE, François. *La revue Fontaine. Inscription d'une revue littéraire algéroise dans le paysage intellectuel français et mutations du champ littéraire dans la période 1934-1950*. 2010. Tese (Doutorado)-UVSQ, Paris: 2010.

⁴³ LAMY, Jean-Claude. *René Julliard*. Paris: Julliard, 1972, e MOLLIER, Jean-Yves, Op. cit., p. 113-115.

⁴⁴ LAFFONT, Robert. *Éditeur*. Paris: Robert Laffont, 1974; *Une si longue quête*. Paris: Anne Carrière, 2005, e MOLLIER, Jean-Yves, Op. cit., p. 131-133.

⁴⁵ Esta tripla nomeação de pessoas próximas a Gaston Gallimard e, ela também, um belo e saboroso “vestígio”, cheio de ensinamentos sobre as angústias do fundador da livraria de mesmo nome às vésperas da Liberação. Cf. MOLLIER, Jean-Yves, Op. cit., p.136, e o PV do CA do Sindicato dos editores datado de 11 fev. 1944.

Ernst Jünger, o tenente Heller e alguns outros. Sartre e Aragon o protegiam na Rua Sébastien-Bottin e, se *Les Temps Modernes* havia feito a fama de René Julliard, a *Nouvelle NRF* veio a lume em 1953, após a frustrante tomada de distância de Paulhan em relação aos *directores de consciência da Resistência*.

José Corti conservara sua livraria, na qual se podia adquirir bons livros, durante toda a Ocupação; momento em que perdeu seu único filho, deportado e morto em cativeiro.⁴⁶ Outros comerciantes alimentaram um mercado paralelo – negro, quando se tratava unicamente de ganhar dinheiro, mais luminoso quando se tratava de fazer ler obras proibidas. Com a literatura de contrabando, o jogo do sentido duplo, dos mal entendidos, alegorias e todos os procedimentos estilísticos disponíveis foram utilizados para manter a moral dos leitores e, nas bibliotecas públicas também existiram funcionários corajosos que se arriscaram para transmitir a certos leitores livros proibidos.⁴⁷ Da mesma maneira, a maioria dos movimentos de resistência possuía seu próprio boletim ou jornal e distribuía panfletos nos quais certos escritores podiam se expressar. No entanto, se nos lembrarmos de que o *Mercure de France* começou a fazer apologia da Colaboração, de que Gilbert Baudinière e Fernand Sorlot tiveram que ser excluídos do Círculo da Livraria, com Jacques Bernard, Jean de La Hire e Louis Thomas, em 1945, veremos que os dois lados da balança não pendiam para o mesmo lado. É o contexto muito particular da Liberação, a lentidão dos processos e o difícil trabalho das comissões de depuração que permitem a perenidade das estruturas estabelecidas. Os tribunais se mostraram mais clementes a partir de 1946 e, em 1947, a chegada arrasadora da Guerra Fria, a ruptura da tripartição dos poderes, e o afastamento do gaullismo e do comunismo fizeram o resto.

Com razão, Jacques Debû-Bridel prestou uma magnífica homenagem às Edições Minuit redigindo o histórico desta exemplar empresa.⁴⁸ Na Robert Laffont, Louis Parrot cumprimentou a sua maneira *L'intelligence en guerre*, enquanto Pierre Seghers dava a conhecer os poetas da resistência, assim como Max-Pol Fouchet ou Albert Béguin que transportavam seus *Cahiers du Rhône à Seuil*.⁴⁹ Esquecíamos o episódio, por menos ambíguo

⁴⁶ CORTI, José. *Souvenirs désordonnés*. Paris: José Corti, 2003.

⁴⁷ POULAIN, Martine. *Livres pillés, lectures surveillées: les bibliothèques française sous l'Occupation*. Paris: Gallimard, 2008.

⁴⁸ DEBÛ-BRIDEL, Jacques. *Les Editions de Minuit : historique et bibliographie*. Paris: Ed. Minuit, 1945.

⁴⁹ CARIGUEL, Olivier. *Les Cahiers du Rhône dans la guerre. 1941-1945 : La résistance du « glaive et l'esprit*. Friburgo: Presses de l'université, 1996.

que fosse, do movimento Jovem França⁵⁰ e a lenda dourada da França amplamente resistente, ao menos após 1942, começava a se enraizar, beneficiando os editores, finalmente menos expostos por serem menos conhecidos do grande público. O presidente do Sindicato, René Philippon, dirigente da casa Armand Colin, se fez esquecer como Marcel Rives, o alto funcionário que dirigira o Comitê de organização do livro e que procurara organizar a corporação. Robert Mainguet abrigou-se atrás do pseudo-resistente Charles Orenge, Jean Mistler dirigiu a Casa do Livro Francês, Hachette os NMPP e tudo voltava à ordem, as capacidades funestas desta enorme empresa de distribuição assustando todos aqueles que quisessem ler no país. Ainda que tenha existido um doutor Guillotin que atacasse de frente o polvo verde em 1947⁵¹, logo que as NMPP foram constituídas sob a autoridade do governo, os críticos ficaram quietos ou mais discretos.

Conclusão

Se quisermos fazer um rápido balanço desses anos negros, diremos, primeiro, que o *habitus* de submissão dos editores às ordens do poder estabelecido foi globalmente verificada e mostrou a pertinência de um conceito sociológico utilizado para explicar uma situação forjada durante mais de quatro séculos. O conservadorismo da profissão, seu pertencimento reconhecido às correntes do pensamento mais tradicional, do legitimismo da Ação Francesa, passando pelo orleanismo, assim como sua promiscuidade com certas ligas, da Federação nacional católica às Croix-de-Feu, e os partidos políticos da direita que aceitarão Pétain e a Colaboração do Estado com a Alemanha, pesaram muito na adoção das condutas individuais de grande número dos editores parisienses. Assegurados de que sua formação poderia levar para este lado, se engajaram na Resistência mas, enquanto instituições, o Círculo da Livraria e o Sindicato dos Editores traziam sua colaboração à vontade alemã de trazer à ordem ao país. Em 1981, uma deplorável operação da livraria, transmitida pela televisão à convite de Bernard Pivot, tentava fazer passar o tenente Heller por um amigo da França e de sua literatura. O mesmo aconteceu com Otto Abetz, o embaixador nazista, ou com Ernst Jünger, o capitão que

⁵⁰ CHABROL, Véronique. *Jeune France: une expérience de recherché et de decentralisation culturelle*. Novembre 1940-Mars 1942.1974. Tese (Doutorado)-Universidade de Paris 3, Paris,1974.

⁵¹ GUILLOTIN. *Le scandale du trust vert*. Paris: Curial-Archereau, 1947, e MOLLIER, Jean-Yves, Op. cit., p. 204-206.

pertencia ao serviço de informação alemão quando Georges Poupet, da Livraria Plon, e Sacha Guitry, lhe ofereciam autógrafos e livros raros para enriquecer sua biblioteca pessoal.⁵²

Que estes três homens tenham conhecido, após a guerra, itinerários mais calmos, é uma coisa; que eles não tenham sido nazistas convictos é outra. A leitura dos *Journaux de guerre* de Jünger mostra que sua oposição ao tenente Heller foi tardia e que em momento algum ela veio contrariar seu nacionalismo integral. Magnificamente tratados pela Lapérouse ou pela Prunière, convidados às estreias e às representações teatrais, esses homens conviviam com boa parte de *Tout Paris des Arts et Lettres* [Toda Paris das Artes e das Letras] e os editores mais em vista da profissão. Muito mais severa que a historiografia francesa, a historiografia alemã contemporânea ressaltou, por várias vezes, o engajamento ideológico do tenente Heller e de Otto Abetz na NSDAP.⁵³ Foi um historiador suíço, Philippe Burin, quem melhor assinalou a responsabilidade dos editores franceses, emitindo o seguinte julgamento: “No total, uma profissão que faz prova de uma complacência quase geral, sustentada por uma convivência ideológica substancial”.⁵⁴ Os dois termos, “complacência” e “convivência”, resumem bem o estado de espírito da maioria dos editores, mas essas duas atitudes só podem ser compreendidas se inseridas numa conjuntura longa, na qual o *habitus* desempenha plenamente seu papel.

Por oposição a Pierre Assouline que, em 1984, publicava uma carta de Gaston Gallimard procurando tomar conta das Edições Calmann-Lévy, em 1941⁵⁵, mas que ignorava que Bernard Grasset e Jean Fayard tinham procurado constituir um consórcio destinado a antecipar os alemães do grupo Hibbelen, não se tratava, absolutamente, de abrir um processo *a posteriori*. Nós mostramos, aliás, que, no caso de Nathan, existiu acordo entre o proprietário e seus compradores fictícios que lhe devolveram a empresa na Liberação. Isso significa que a arianização das empresas judias não é o fato mais importante neste setor, pois ela afetou apenas Calmann-Lévy, Ferenczi, Gedalge e a Sociedade Parisiense de Edições. O essencial não está aí, mas na adaptação que permitiu, por exemplo, ao grupo Alsatia de prosperar de maneira indecente durante a Segunda Guerra Mundial⁵⁶, a Plon de se pagar todos os imóveis e

⁵² JÜNGER, Ernst. *Mémoires de guerre 1939-1948*. Paris: Gallimard, 2008, p. 238 e MOLLIER, Jean-Yves, Op. cit., p. 56.

⁵³ NSDAP: Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores. [N.T.]

⁵⁴ BURIN, Philippe. *La France à l'heure allemande. 1940-1944*. Paris: Seuil, 1995, p. 525.

⁵⁵ MOLLIER, Jean-Yves. Op. cit., p. 90-91.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 88-89 para os números que provam o crescimento fenomenal das edições Alsatia durante a Guerra.

imprensas que ainda não eram de sua propriedade⁵⁷, a Charles Orenge e Jean Mistler de se misturarem em um mundo que não era o deles antes da guerra. Com Victor Bassot e alguns outros, Henri Filipacchi principalmente, Maurice Girodias ou Jean-Alexis Néret, eles souberam aproveitar dos acontecimentos para enriquecerem, melhorarem sua situação e a de seus próximos. Gallimard, Grasset e Denoël, os mais expostos em função da notoriedade de suas casas editoriais, não saem engrandecidos da confrontação entre moral e negócios. Pelo menos o primeiro jogou um duplo ou triplo jogo, à maneira de seu mestre, Jean Paulhan, e não pode sofrer suspeita de simpatizar com os nazistas, sentimentos que lhe eram perfeitamente estranhos.

Para esses dois confrades, a sede de viver, a vontade de subir ao topo da profissão pesou muito. Mais discretos, os Robert Mainguet e outros René Philippon participaram, sem escrúpulos, da Colaboração. Eles não eram pró-alemães e tampouco pró-Hitler, mas simplesmente ligados à ordem e ao respeito pelo poder estabelecido, mesmo quando este era a emanção de um golpe de força realizado na intenção de abater esta República que eles não gostavam. O Estado francês de Philippe Pétain apresentava uma cara mais confiante aos olhos deles e a corporação não os amedrontava, pois ela destinava-se a afastar os intrigueiros e os oportunistas. É, portanto, aqui que se devem procurar as razões da submissão das instituições representativas da profissão e, acontece neste campo o mesmo que naquele estudado por Gisèle Sapiro, o mundo dos escritores, que viu as duas Academias, a Francesa e a do Goncourt, seguirem caminhos paralelos, a primeira, no entanto, em menor grau que a segunda⁵⁸. Ela se reergueu após a guerra, transformando-se no refúgio dos penatistas e a eleição de Jean Mistler em 1966 foi a grande demonstração, Jacques Chastenet, Jérôme Carcopino, André François-Poncet e Pierre Gaxotte sustentando firmemente sua candidatura. Sua eleição posterior à cadeira de Secretário Perpétuo revela, à sua maneira, o peso das instituições, das estruturas, aquele das empresas e das redes que a ação de um Vercors ou de um Edmond Charlot não pôde deter. O afastamento deste último em 1950 e seu retorno à Argélia traduziam, de certa forma, o fracasso dos “editores da noite”⁵⁹, mesmo se o combate de Jérôme Lindon para divulgar as ideias discordantes durante a Guerra da Argélia parece provar que o engajamento dos editores resistentes não foi em vão.

⁵⁷ Ibid., p. 117-118.

⁵⁸ SAPIRO, Gisèle. *La guerre des écrivains, 1940-1953*. Paris: Fayard, 1995.

⁵⁹ Editores de obras clandestinas.